

ÁFRICA: Fotorreportagens de Pierre Verger n’*O Cruzeiro*¹

Karine Costa Oliveira²

RESUMO: A imprensa, no caso, a revista *O Cruzeiro*, através das suas fotorreportagens, destacando as fotografias, divulgou significados e mensagens sobre a África que foram apreendidos e resignificados pelos leitores. Portanto, ao tomarmos *O Cruzeiro* como fonte, levamos em consideração os cuidados quanto à sua utilização, pois entendemos que a mesma faz parte do contexto de uma determinada época que serviu para informar e formar opinião, importante meio de comunicação ligado a posições políticas, econômicas e ideológicas. Nosso objetivo nesta comunicação é analisar quais imagens e mensagens foram associadas e difundidas sobre África em uma fotorreportagem da série “Acontece que são baianos” constituídas por fotografias de Pierre Verger e textos de Gilberto Freyre, entre 1946-1960 que tratou dos chamados “retornados”, ex-escravos “abrasileirados” que voltaram à África, para a região do Golfo do Benin. As balizas temporais fazem referência à entrada de Pierre Verger na referida revista como fotógrafo e enfoque por “aspectos” do continente africano. Para tanto, tomamos como aporte teórico duas noções, a saber, a de fotografia, proposta por Boris Kossoy; e a tríade da História Cultural, representação, prática, apropriação definidas por Roger Chartier. Como abordagem usaremos o método da micro-história, proposto por Carlo Ginzburg para a análise das fotorreportagens.

Palavras-chave: Representação; África; Fotorreportagem;

1. Introdução

A presente comunicação tem com objeto de estudo algumas representações de África³ associadas e difundidas pela revista *O Cruzeiro* entre 1946 a 1960. As balizas temporais fazem referência à entrada de Pierre Verger⁴ na referida revista como fotógrafo e enfoque por “aspectos” do continente africano. Neste texto, tomamos como aporte teórico duas noções, a saber, a de fotografia e a de representação, prática,

apropriação. Como abordagem usaremos o método da micro-história para a análise das fotorreportagens.

Para discutir as fotografias produzidas por Verger nas fotorreportagens enfocadas utilizei proposições de Boris Kossoy,⁵ para quem as fotografias são importantes documentos que revelam informações, emoções, aspectos expressivos do cotidiano das sociedades. Para este pesquisador, toda fotografia é composta por três elementos essenciais: o assunto, o fotógrafo e a tecnologia, que se concretizam em um definido espaço e tempo. Assim, na sua análise deve-se considerar as finalidades de cada fotografia, pois poderão ser “(...) um meio de informação, um meio de conhecimento, e conterão sempre valor documental, iconográfico”.⁶

Conforme nos diz Milton Guran⁷, a fotografia “(...) é uma extensão da nossa capacidade de olhar e constitui uma técnica de representação da realidade (...) por mais próximo que esteja do real, (...) não é o real em si, mas sim sua representação”. Também discutindo os usos da fotografia como fonte histórica, Ana Maria Muad propõe que a fotografia:

(...) é interpretada como resultado de um trabalho social de produção de sentido, pautado sobre códigos convencionalizados culturalmente. É uma mensagem, que se processa através do tempo, cujas unidades constituintes são culturais, mas assumem funções sígnicas diferenciadas, de acordo tanto com o contexto no qual a mensagem é veiculada, quanto com o local que ocupam no interior da própria mensagem.⁸

Seus conteúdos não podem ser pensados como meras ilustrações de texto. Pensando o uso das fotografias veiculadas, particularmente, pela imprensa, temos que considerá-las sempre enquanto mensagem político – ideológica, como no caso, do fotojornalismo ou fotorreportagem. Definido por Jorge Sousa como:

(...) uma atividade sem fronteiras claramente delimitadas. O termo pode abranger quer fotografias de notícias, quer as fotografias dos grandes projetos documentais, passando pelas ilustrações fotográficas e pelos *features* (as fotografias intemporais de situações peculiares com que o fotógrafo depara), entre outras. De qualquer modo, como nos restantes tipos de jornalismo, a finalidade primeira do fotojornalismo (...) é informar.⁹

O fotojornalismo surgiu a partir do momento em que foi possível a impressão de textos e fotos de forma simultânea, já por volta de 1884. E as revistas começaram a publicar fotos em torno de 1890. No Brasil, a *Revista da Semana* foi pioneira na introdução da fotografia em 1900, no entanto, somente a partir da II Guerra Mundial o fotojornalismo brasileiro ganhou impulso.¹⁰ Inclusive a revista *O Cruzeiro*, a partir dos

anos 1930,1940, foi a grande precursora da introdução, de fato, do fotojornalismo no Brasil, sobretudo, com a contratação de fotógrafos vindos da Europa, onde tal prática já era consagrada, como Jean Manzon e Pierre Verger.

Para a análise das representações sobre África utilizaremos as noções definidas por Roger Chartier.¹¹ Partimos de sua proposta de que as práticas sociais são produzidas por representações, pelas quais os sujeitos e os grupos dão sentido ao seu mundo. Assim, as representações são resultados da leitura que os sujeitos fazem do mundo. O autor ressalta que na formação das representações sociais não existem discursos neutros, pois esses são produzidos para legitimar e impor as vontades, as percepções sociais daqueles que as divulgaram. Analisar, assim, quais foram as representações, prática e apropriações textuais e fotográficas sobre a África construídas nas fotorreportagens na revista *O Cruzeiro*.

Sobre a abordagem da micro-história, Carlo Guinzburg¹² propõe o método da redução da escala, o chamado “método indiciário”. Um método interpretativo centrado sobre os resíduos, sobre os dados marginais, considerados como reveladores para a análise de uma realidade histórica. Reduzir a escala significa perceber os indícios, os sinais, as pistas, os detalhes. Assim, é possível compreender as relações entre sistemas de crenças, de valores, de representações e de pertencimento social, como considerou Chartier, sobre os trabalhos de Ginzburg. Portanto, a redução de escala, o método indiciário são fundamentais para perceber os detalhes das fotorreportagens sobre África, suas mensagens, o que é destacado, as luzes, os enfoques, o dito e o não dito.

É preciso considerar que a imprensa produz representações que considera verdadeiras, discursos ou imagens que moldam comportamentos e modos de ver dos leitores. Neste sentido, a revista *O Cruzeiro*, através das suas fotorreportagens, destacando as fotografias, divulgou significados, mensagens sobre a África que foram apreendidos e resignificados pelos leitores. Portanto, ao tomarmos *O Cruzeiro* como fonte, levamos em consideração os cuidados quanto à sua utilização, pois entendemos que a mesma faz parte do contexto de uma determinada época que serviu para informar e formar opinião, importante meio de comunicação ligado a posições políticas, econômicas e ideológicas.

2. África sob as lentes de Pierre Verger: a série “Acontece que são baianos”

No ano de 1951 a revista *O Cruzeiro* lançou uma série de reportagens chamadas “Acontece que são baianos” com fotografias exclusivas de Pierre Verger e textos de Gilberto Freyre versando sobre a região do Golfo do Benin na África¹³

O CRUZEIRO inicia, hoje, nestas páginas, a publicação de uma série de reportagens de Gilberto Freyre e Pierre Verger, em que são fixados aspectos da vida e da conduta social de descendentes de brasileiros e de africanos que, tendo estado longos anos no Brasil, e especialmente na Bahia, regressaram à terra de origem portanto, nesse retôrno, costumes, cantigas, danças, canções e hábitos alimentares tipicamente brasileiros. Portanto, no regresso ao Continente Negro, crenças, ritos e também estilos arquiteturais do Brasil. Embora **O CRUZEIRO** não seja uma revista especializada em assuntos de antropologia, etnografia e sociologia, não procurou abordar tema tão apaixonante apenas pelo aspecto pitoresco que êle pudesse apresentar.

O Cruzeiro 11 de agosto de 1951 nº43- Ano XXIII p.p 72,73,74,75,76,104,45

Nesta apresentação da série de reportagens podemos observar que objetivaram mostrar o que hoje, na perspectiva da História Cultural, identificamos, como as sociabilidades, o cotidiano de descendentes de ex-escravos, nascidos no Brasil ou em África, que retornaram ao continente africano. A justificativa para esta série se baseou no interesse de elementos e influências culturais nas trocas entre Brasil, sobretudo a Bahia, e a região do Golfo do Benin. Contudo, a revista enfatizou o “aspecto pitoresco” que seria próprio de tal assunto, ou seja, ao um olhar sobre o “lado exótico” da África.

Estes aspectos foram tratados separadamente nas fotorreportagens. Neste artigo, trataremos da primeira reportagem que abordou o tema das festas.

Festas populares levadas do Brasil para África por africanos abasileirados pela Bahia – Cantigas do Brasil ainda hoje cantadas em português – Erotismo contido por familismo – Explicação da sobrevivência do “brasileiros” na África e de sua resistência à reabsorção pela cultura africana.

Não é de admirar que dentre os elementos de cultura brasileira levados à África por africanos abasileirados por longo contato com o Brasil, destaquem-se as festas. As festas populares, com sua gorda e bonita substância folclórica. As festas profanas, das quais nem sempre é fácil separar as religiosas propriamente ditas.

Quase todos os africanos “brasileiros” voltaram à África, da Bahia. Às vezes de outros pontos do Brasil, mas “via Bahia”. Abaianados, portanto. Amaciados, urbanizados, polidos pela Bahia. E quem diz Bahia ou baiano diz festa, bôlo, doce, mulata, alegria e até pecado: os sete pecados mortais refugiados à sombra de todos os santos. Diz música, dança, canto, foguete, capoeiragem, pastel enfeitado com papel de cor e caprichosamente recortado, caruru, violão, balangandã,

chinelinha leve na ponta do pé da mulher (em contraste com o tamanco pesadamente português do homem), saia de roda, camisa ou cabeção picado de renda, de mulatas, de quadraronas provocantes
 Não é de admirar que as cantigas em língua portuguesa do Brasil um tanto estropiada pela distância e pelo tempo (...) descendentes de “brasileiros” ou “baianos”, estejam salpicadas de brasileirismos de dia de festa.

O Cruzeiro 11 de agosto de 1951 nº43- Ano XXIII p.p 72,73,74,75,76,104,45

No texto acima, os autores consideraram que foi a partir da Bahia que muitos elementos das festas como: a culinária, música, dança, vestuário foram conservados na região de Porto Novo. Neste fragmento, podemos verificar a construção de uma representação dos sujeitos do Brasil, no caso da Bahia, intrinsecamente ligados à noção de que “tudo se resume a festa”, pois quem “diz Bahia” “diz festa”. Assim, estes retornados que foram “amaciados, urbanizados, polidos pela Bahia” regressaram a África e continuaram reproduzindo esta representação de “festa”. Para Freyre tal conservação se deu por via materna:

(...) esses “brasileiros” ou “baianos” vêm-se conservando “brasileiros” à sombra do culto da família ou da casa cristãmente organizada em torno da mulher de monogamia, culto que os tem distanciado social e psicologicamente da maior parte dos demais africanos. (...)

A grande mãe – a mãe das mães – parece que, para os africanos “brasileiros” de Pôrto Novo, vem se conservando a Bahia. Mãe das mães – ou mãe comum – à qual os descendentes das simples mães individuais se conservavam fieis através de um culto de família cristãmente organizada que transparece nos próprios cantos de festas de rua, ou profanas, cujo erotismo é contido pelo familismo ou pelo domesticismo. Esse culto é que principalmente parece explicar a sobrevivência, na África, daquele grupo de descendentes de africanos “brasileiros”: sua resistência à reabsorção pela cultura africana.

O Cruzeiro 11 de agosto de 1951 nº43- Ano XXIII p.p 72,73,74,75,76,104,45

Estes “brasileiros” são representados também como unidos em torno de uma linha matriarcal, e tendo como um dos focos centrais de uma comunhão cultural o catolicismo. Retomando estes mesmos sujeitos, os “retornados à região do Golfo do Benin, num estudo realizado trinta anos depois, Manuela Carneiro da Cunha¹⁴ ressaltou as diferenças culturais entre estes “brasileiros” e os chamados “negros da terra”, tendo as práticas do catolicismo entre estes dois grupos também como enfoque. Cunha¹⁵ partiu da hipótese de que a presença do catolicismo entre os “brasileiros” desta região seria como uma “identificação necessária para se definirem as fronteiras de um grupo de interesse, desejoso de se apropriar do comércio com o Brasil e da posição de

intermediário no comércio com o interior”. Assim, o catolicismo forneceu ao grupo de “brasileiros” uma identidade que os tornou diferentes da população local tida com “animista” e dos “saros” protestantes.

Freyre e Verger tiveram a percepção da existência de diferenças nos modos de crer, como podemos perceber neste trecho:

Ao contrário: eles continuam a influir sobre essa cultura no sentido de sua cristanização e do seu luso-abrasileiramento. Reconhece-o A. B. Loatar em **The Torch Bearers**. Aí escreve que escravos e filhos de escravos africanos, tendo absorvido, na América, alguma coisa de civilização e da religião de seus senhores, comunicaram à África, no seu regresso, os valores adquiridos na América.

O Cruzeiro 11 de agosto de 1951 nº43- Ano XXIII p.p 72,73,74,75,76,104,

Observamos que o autor considera que estes “brasileiros” resistiram à “reabsorção pela cultura africana”. Conforme o texto estes “brasileiros” absorveram “alguma coisa de civilização e de religião”, no caso a católica, e levaram à África tais valores quando regressaram. Para além de resistir a uma dita “reabsorção da cultura africana” para Freyre estes “brasileiros” buscavam converter os sujeitos da comunidade ao catolicismo a partir de um viés “luso-abrasileirado”

Em estudo mais recente Milton Guran¹⁶ verificou que esses “brasileiros”, também chamados de “agudás” não possuíam língua nem territórios próprios, no entanto, gozavam de um “status” que os diferenciavam na sociedade. E entre os aspectos culturais trazidos por esses “brasileiros” estavam: a família patriarcal mononuclear, o uso do sobrenome, o catolicismo, as festas religiosas, novos hábitos alimentares e técnicas de construções arquitetônicas. Ressalta ainda que a cultura “agudá” num primeiro momento, uma cultura europeia, foi se enriquecendo com aspectos da cultura brasileira, tal como ela ia se construindo no Brasil.



Fotografia – 1 FREYRE, Gilberto; VERGER, Pierre. Acontece que são baianos I. *O Cruzeiro* 11 de agosto de 1951 nº43- Ano XXIII p.p 72,73.74,75,76,104,45



Fotografia – 2 FREYRE, Gilberto; VERGER, Pierre. Acontece que são baianos I. *O Cruzeiro* 11 de agosto de 1951 nº43- Ano XXIII p.p 72,73.74,75,76,104,45

Partindo para a análise das fotos produzidas por Verger, que constituem a parte visual das fotorreportagens, nas fotos de número 1 e 2, as imagens retratadas apresentam a festa do Bonfim em Porto Novo. Nela os autores destacam que era intensa a presença dos “brasileiros”. A festa começava com um grande desfile, com aspectos típicos do Carnaval baiano, com as pessoas fantasiadas. O destaque diferencial era a existência de uma bandeira de abre-alas com a inscrição “Grande Soirée Brésilienne de Buorihan”. Cantavam em português, músicas que reafirmam a origem brasileira da festa. Por fim, tinha a apresentação da *bourihan*, a parte profana da festa religiosa um folguedo que correspondia ao bumba-meu-boi no Brasil. Assim, reforçando a ideia apresentada por Freyre nos textos, as fotografias evidenciavam a valorização de *uma cultura luso-brasileira* em África. As imagens realizadas por Verger mostram uma parte da realidade recortada, pois o olhar sempre filtra. Destaca os detalhes da festa como as fantasias e as pessoas que faziam a festa, enfocando as tradições luso-brasileiras.

3.Considerações finais

Neste texto buscamos ressaltar que a imprensa produz representações que considera verdadeiras, discursos ou imagens que moldam comportamentos e modos de ver dos leitores. Neste sentido a revista *O Cruzeiro*, através das suas fotorreportagens, destacando as fotografias, divulgou significados, mensagens sobre a África que foram apreendidos e resignificados pelos leitores.

Da leitura das fotorreportagens apontamos aqui alguns aspectos. Primeiro que se trata de um *olhar estrangeiro*, pois tanto Pierre Verger como Gilberto Freyre foram sujeitos de fora que reproduziram em alguma medida, uma visão estereotipada do continente africano, mas como nos lembra Peter Burke¹⁷ quando ocorre encontros entre culturas é provável que a imagem que cada cultura possui da outra seja estereotipada. Em todo caso, o estereótipo acaba exagerando alguns traços da realidade e omitindo outros. Ao analisar as imagens, as fotográficas e também o texto enquanto uma imagem é preciso perceber o “olhar” do produtor de tal imagem, o lugar de onde ele fala e seu contexto.

Importante ressaltar que como linguagem as fotorreportagens procuraram manter uma correlação estreita entre texto e imagem, no sentido de apresentar os chamados “retornados” e nestes uma forte influência dos aspectos culturais luso-brasileiros em detrimento dos africanos.

Identificamos nas fotografias de Verger a valorização dos sujeitos e principalmente dos aspectos culturais herdados do Brasil. Todavia, para dar sentido às fotos, Freyre evidencia os elementos dessa, no entanto o faz a partir de uma ênfase na superioridade dos costumes luso-brasileiros em oposição aos modos de viver dos africanos da região do Benin.

Reproduzindo as mensagens dos textos associadas ao poder das imagens fotográficas as fotorreportagens exercem uma ação significativa ao transmitirem certas ideias e valores. Ao apresentarem na série “Acontece que são Baianos” a ideia de superioridade dos “abrasileirados” em oposição aos sujeitos africanos e ao seu lugar, o Golfo do Benin assim, podemos verificar uma construção da imagem de África associada a um estereótipo de negatividade.

¹ Comunicação apresentada no VI Encontro Estadual de História – Povos Indígenas, Africanidades e Diversidade Cultural: produção do conhecimento e ensino. Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC - Ilhéus – Bahia. 13 a 16 de Agosto de 2012.

² Karine Costa Oliveira; Professora da Rede Pública Estadual de Ensino; Mestranda do Programa de pós-graduação- Mestrado em História, Cultura e Poder pela Universidade Estadual de Feira de Santana – Ba; Bolsista CAPES; Karinecost@hotmail.com; Orientadora e Co-autora Prof^ª Dr^ª Ione Celeste Sousa (uefs).

³ Sobre representações de África no Brasil ver: CARVALHO, Juvenal de. *Veja: Um olhar sobre a independência de Angola*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia: Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002; DZIDZIENYO, Anani. *A África vista do Brasil: Uma pesquisa sobre o modo pelo qual o Jornal da Bahia encarou a África de 1958 a 1969, inclusive as relações do Brasil com os países africanos*. África- Revista do centro de estudos africanos. USP, São Paulo, 1970; OLIVA, Anderson Ribeiro. *A África nos bancos escolares: Representações e imprecisões na literatura didática*. Estudos afro-asiáticos. Ano 25. n° 3. 2003; REGINALDO, Lucilene. *Vagas informações, fortes impressões: a África nos livros didáticos de história*. Humanas, 2, 2002; RODRIGUES, José Honório. *Brasil e África: outro Horizonte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961. Coleção Retratos do Brasil: v. 9. SILVA, Alberto da Costa e. *A História da África e sua importância para o Brasil*. In: *Um Rio Chamado Atlântico: A África no Brasil e o Brasil na África*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. Ed. UFRJ, 2003.

⁴ Sobre Pierre Verger. Ver: LÜHNING, Angela. *Homenagem: Pierre Verger*, Afro-Ásia, n° 21-22 p.p315-364 (1998-1999). LÜHNING, Angela (org) *Pierre Verger, Repórter Fotográfico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

-
- ⁵ KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. Editora Ática: São Paulo, 1989, p.14
- ⁶ Boris Kossoy.1989. Op.cit p.p 31-36
- ⁷ GURAN, Milton. *Linguagem fotográfica e informação*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 1999, p.p.6-7.
- ⁸ MUAD, Ana Maria. *Através das imagens: Fotografia e História interfaces*. Tempo, Rio de Janeiro, Vol 1, nº 2, 1996, (73-98) p.79.
- ⁹ SOUSA, Jorge Pedro. *Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e a linguagem da fotografia na imprensa*. Porto, 2002p.p.7-8.
- ¹⁰ LINS, Alene e VALENTE, Rosângela. *Fotojornalismo: informação, técnica e arte*. Editora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 1997, p.28.
- ¹¹ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p.p16-17
- ¹² GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990; Micro – história: duas ou três coisas que sei a respeito. In: *O Fio e os Rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ¹³ Este material fotográfico e de identificação de documentação diversa sobre os chamados “retornados” deu origem posteriormente a tese de doutoramento de Pierre Verger publicada em 1968 na França. VERGER, Pierre. *Fluxo e Refluxo do tráfico de escravos entre o golfo do Benin e a Bahia de todos os Santos: dos séculos XVII a XIX*. Tradução Tasso Gadzanis. São Paulo: Corrupio, 1987. Sobre os retornados ver também: BRAGA, Júlio Santana. *Notas sobre o “Quartier Brésil” no Daomé*. Estudos Afro-asiáticos nº6-7, 1968.
- ¹⁴ CUNHA, Manuela Carneiro da. *Negros, estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África*. Brasiliense, São Paulo, 1985.
- ¹⁵ CUNHA, Manuela Carneiro da.. *Religião, comércio e etnicidade: uma interpretação preliminar do catolicismo brasileiro em Lagos no século XIX*. IN: *Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade*. Brasiliense, São Paulo, 1987.
- ¹⁶ GURAN, Milton. *Da bricolagem da memória à construção da própria imagem entre os Agudás do Benim*. Afro-Ásia, 28 (2002), 45-76. p.53
- ¹⁷ BURKE,Peter. *Testemunha Ocular: história e imagem*. Tradução: Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2004.p.155